



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI-POETA PINTO DO MONTEIRO  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**Cartografias da Subjetividade Feminina na Obra “Mulher no  
Espelho” de Helena Parente Cunha**

TATIANE MONTEIRO DE LIMA

MONTEIRO – PB  
2011

TATIANE MONTEIRO DE LIMA

**Cartografias da Subjetividade Feminina na obra “Mulher no Espelho” de Helena Parente Cunha**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras- Habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Mestre Joana Dar’k Costa.

MONTEIRO – PB  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIB. SETORIAL– CAMPUS VI

L732c LIMA, Tatiane Monteiro de.  
Cartografias da Subjetividade Feminina na Obra “Mulher no Espelho” de Helena Parente Cunha/Tatiane Monteiro de Lima. – 2011.  
45f.  
Digitado.  
Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2011.  
“Orientação: Profª . Ms. Joana Dar’k Costa, Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI”.

1. Subjetividade Feminina . 2. Valores. 3. Conflitos. I. Título.

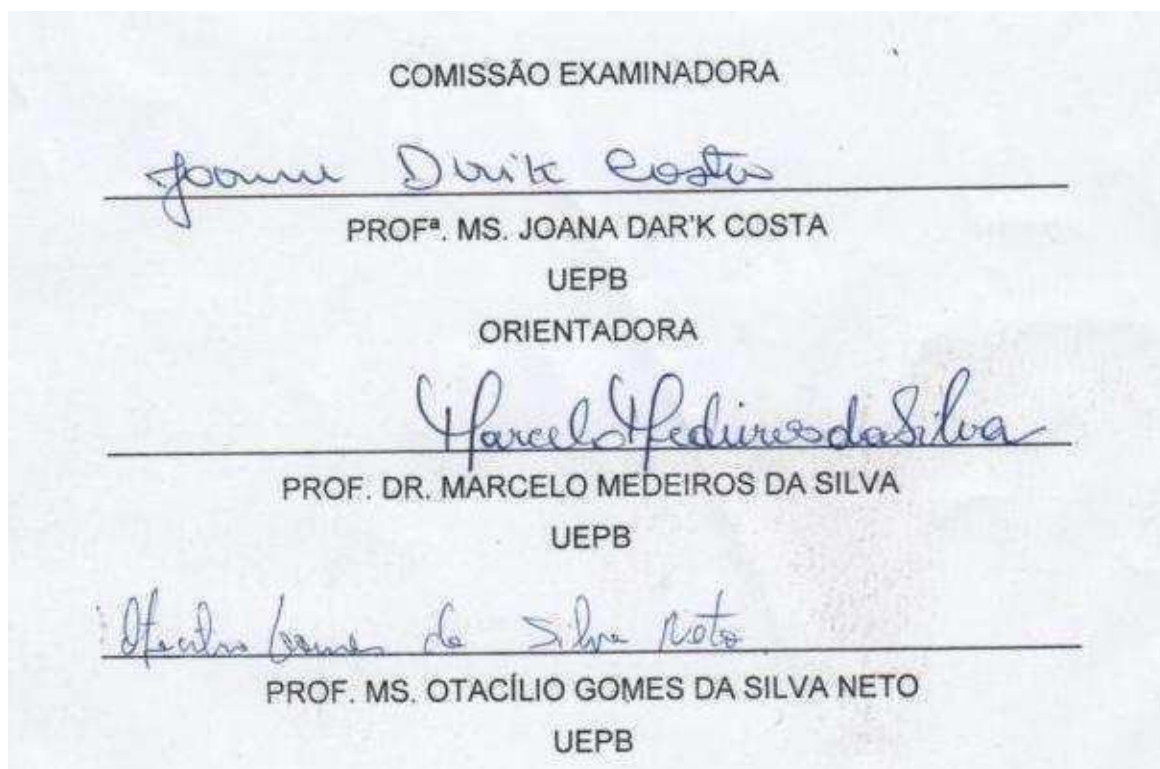
21. ed. CDD 150.194 3

TATIANE MONTEIRO DE LIMA

**Cartografias da Subjetividade Feminina na obra “Mulher no Espelho” de Helena Parente Cunha**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Aprovada em 21 de junho de 2011.



Aos meus pais, Gracilene e Inaldo, que deram suas vidas para chegar onde cheguei. Aos meus sogros, Ivanice e Jovenal, pela compreensão e paciência ao cuidar de meu filho. A meu marido Rodrigo pela paciência e amor. A minha irmã Nara, e por fim, a razão de minha vida, meu tudo, meu filho Enzo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu bom Deus,

Agradeço-te Senhor, por me dar inteligência para continuar minha jornada, por me dar forças para não desistir e por me dar sabedoria para saber agradecer-lo.

Agradeço-te por tudo que me destes e principalmente pelo que não me deste. Só você sabe Senhor, o que passei para dar este enorme passo em minha vida, pois o senhor acalmou meu coração nos momentos em que pensei que não ia conseguir

Agradeço-te Senhor, por chegar onde cheguei e poder dizer, EU CONSEGUI!

À minha Orientadora,

Sou grata a minha orientadora Joana Dar'k Costa por tanta paciência nestes meses de trabalho. Por tantas críticas construtivas que me ajudaram a crescer, por me elogiar nos momentos certos e por me chamar a atenção quando precisei.

Obrigado por me entender e dizer que eu ia conseguir mesmo quando alguém dizia que não. Obrigado por não desistir de mim, mesmo quando eu já tinha desistido.

Agradeço-te por pedir para dividir a atenção com meu filho e cuidar mais um pouco da monografia, pois sem isso, talvez eu não estaria aqui. Obrigado pelas incessantes leituras e correções de meus capítulos, sempre me mostrando o caminho certo a trilhar.

Obrigado, por ao término deste trabalho eu poder dizer: Nós conseguimos!

Aos meus professores,

Muito obrigado meus queridos mestres do 1º ao 7º período por me ensinar a ser a pessoa que eu sou, por me ajudar a compor a minha subjetividade. Agradeço a todos vocês que me ajudaram e tiveram paciência comigo. Em especial as professoras Noelma Cristina e Danielly Inô, por acreditarem em mim e me darem forças para não desistir de estudar para cuidar de meu filho.

Agradeço ao professor Marcelo Medeiros pelo empréstimo de livros que me serviram de lastro teórico para meu trabalho, e que foram de relevante importância. Agradeço ao professor Otacílio Gomes, por ser e estar sempre prestativo nos momentos que precisamos e por aceitar fazer parte da minha banca de defesa.

Aos meus familiares e amigos,

Muito obrigado por acreditarem em mim e por me darem forças dizendo que eu ia conseguir. Obrigado minhas colegas que caminharam junto comigo do começo ao fim, e por me ajudarem sempre que precisei.

"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos"

Fernando Pessoa



## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os movimentos de produção da subjetividade feminina a partir da obra “Mulher no Espelho”, de Helena Parente Cunha. A narrativa aborda os conflitos existenciais de uma mulher multifacetada que se agoniza ao visualizar o avesso de si mesma diante de um espelho ficcional. A trama enfoca as contradições que se estabelecem entre a protagonista e a sociedade patriarcal em que está inserida. Como arcabouço teórico que fundamenta o estudo, recorreremos aos teóricos da Psicologia que trabalham com a temática da subjetividade na sociedade contemporânea, como Félix Guattari (2008), Suely Rolnik (1997), Leila Domingues Machado (1999), Fernando Gonzalez-Rey (2002), dentre outros autores que fazem parte dessa linhagem teórico-metodológica. A partir das análises realizadas, podemos perceber os conflitos da mulher protagonista ao evidenciar que sua subjetividade estava aprisionada aos padrões sociais, não correspondendo aos seus anseios de liberdade, seus desejos, sua forma de amar e de existir. Os conflitos impulsionam movimentos de singularização da sua subjetividade na medida em que ela tenta romper com os valores e comportamentos que caracterizam a sociedade patriarcal.

**Palavras-chaves:** Subjetividade feminina, Valores, Conflitos, Singularização.

## RESUMÉN

Este estudio tiene como objetivo analizar los movimientos de producción de la subjetividad femenina desde la obra intitulada "Mulher no espelho", de Helena Parente Cunha. La narrativa enfoca los conflictos existenciales de una mujer multifacética que se agoniza al mirar el avieso de sí misma delante de un espejo ficcional. La trama enfoca las contradicciones que se establecen entre a protagonista y la sociedad patriarcal en que está inserida. Como marco teórico que fundamenta el estudio, recuremos a los teóricos de la Psicología que trabajan con la temática de la subjetividad en la sociedad contemporánea, como Félix Guattari (2008), Suely Rolnik (1997), Leila Domingues Machado (1999), Fernando Gonzalez-Rey (2002), dentro otros autores que hacen parte de ese linaje teórico-metodológica. Desde análisis realizados, podemos percibir los conflictos de la mujer protagonista al evidenciar que su subjetividad estaba aprisionada a los padrones sociales, no correspondiendo a sus ansias de libertad, sus deseos, su forma de amar y de existir. Los conflictos causaron movimientos de singularización de su subjetividad mientras ella intenta romper con los valores y comportamientos que caracterizan la sociedad patriarcal.

**Palabras-claves:** Subjetividad femenina, Valores, Conflictos, Singularización.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I- OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b> .....	13
1.1 Sobre a Produção de Subjetividades .....	14
1.2 Subjetividade e o Sistema Capitalístico .....	17
1.3 A Invenção de Novos Modos de Viver: a ousadia de singularizar .....	21
<b>CAPÍTULO II- PROJEÇÕES DA SUBJETIVIDADE FEMININA DE UMA MULHER NO ESPELHO</b> .....	25
2.1 Considerações sobre a obra “Mulher no Espelho” .....	26
2.2 As Múltiplas Faces da Subjetividade Feminina Refletidas no Espelho .....	27
2.3 O Desejo de Singularizar: a invenção de novas possibilidades de vida .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

A obra “Mulher no Espelho” de Helena Parente Cunha faz parte da literatura contemporânea e retrata os dramas femininos no contexto de uma sociedade patriarcal. O romance apresenta os conflitos existenciais de uma mulher diante de um espelho ficcional. O espelho projeta várias imagens de um eu, retratando a multiplicidade de sua subjetividade. Nessa perspectiva, o presente estudo visa analisar os movimentos de produção da subjetividade feminina desta mulher protagonista do romance. Tentaremos delinear a composição de sua subjetividade a partir da análise das configurações, deslocamentos e transformações subjetivas produzidas no decorrer da trama.

Nosso interesse em fazer um estudo relacionando Psicologia e Literatura surgiu a partir das aulas do Componente Curricular Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. De acordo com as leituras de textos de Psicologia e discussões em sala de aula, pudemos perceber a importância de buscar compreender os dilemas existenciais dos seres humanos, tendo como referência uma obra literária. Deste modo, faremos uma interlocução entre Literatura e Psicologia buscando elucidar as questões relacionadas ao processo de produção da subjetividade feminina.

A temática reveste-se de importância na medida em que podemos acompanhar os conflitos existenciais que surgem no decorrer da narrativa, principalmente nas cenas em que a mulher personagem depara-se com o avesso do seu ser no espelho metafórico, resultando numa pulverização de sua identidade. A mulher angustia-se ao identificar um eu multifacetado que se revela a partir de uma suposta miragem de um eu vivido pelo avesso.

Mergulhada em suas reflexões auto-analíticas, ela questiona sua vida, suas experiências e principalmente os papéis sociais que lhes foram destinados desde a infância. As imagens projetadas no fundo do espelho incitam as lembranças de sentimentos, comportamentos, desejos e fatos que atravessaram sua existência. Evidenciamos um embate entre subjetividades contraditórias que habitam o mesmo ser e que propiciará a produção de outros modos de perceber, sentir e agir no meio em que vive.

Para realizar este estudo, optamos pela pesquisa bibliográfica, tendo em vista que estaremos analisando uma obra literária. Como arcabouço teórico, recorreremos aos teóricos da Psicologia que trabalham com a temática da subjetividade na sociedade contemporânea, como Félix Guattari (2008), Suely Rolnik (1997), Leila Domingues Machado (1999), Fernando Gonzalez-Rey (2002), dentre outros autores que fazem parte dessa linha teórico-metodológica.

A perspectiva teórica que estaremos trabalhando considera que a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais; produção esta que não se manifesta sob a determinação de uma instância dominante ou de relações hierarquizadas, mas sim numa transversalidade de diversos fatores subjetivadores que a atravessam, como instituições, objetos técnicos, saberes e outros (FÉLIX GUATTARI E SUELY ROLNIK, 2008). Neste sentido, os modos de subjetivação estão relacionados à própria força das transformações, ao devir, ao intempestivo, aos processos de dissolução das formas padronizadas, serializadas e cristalizadas (LEILA MACHADO, 1999).

Analisando a subjetividade no capitalismo contemporâneo, o psicanalista Erich Fromm (1995) ressalta que os indivíduos transformaram-se em seres autômatos, tendo sua singularidade asfixiada pelas malhas do sistema. Na vida cotidiana, as pessoas vivenciam o que o autor chama de *mesmice*: trabalham nos mesmos serviços, têm as mesmas diversões, lêem os mesmos jornais, experimentam os mesmos sentimentos e as mesmas ideias. Desta forma o sistema funciona a partir de uma agregação de massa, estabelecendo a padronização do ser. Nesse processo de subjetivação, os indivíduos obedecem todos ao mesmo comando, embora cada um pense que está seguindo seus próprios desejos. Na verdade, até a produção do desejo é oriundo do sistema capitalista que define como se deve processar as nossas relações afetivas, sexuais, sedimentando e definindo nosso modo de se vestir, de falar, de sonhar, interferindo até mesmo nas nossas escolhas literárias.

Apesar de a obra “Mulher no Espelho” ter se constituído campo de pesquisa para muitos profissionais da literatura e da psicanálise, ainda não foi estudada, de forma mais sistematizada, sob o olhar da temática da subjetividade. Neste sentido justificamos a importância desse estudo que poderá contribuir para ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre o universo subjetivo feminino. Para tanto, dividimos o presente trabalho em dois capítulos.

No primeiro capítulo, temos uma apresentação dos aportes teóricos que fundamentaram a construção desse trabalho. Empreendemos uma discussão sobre o processo de produção de subjetividades na sociedade contemporânea.

O segundo capítulo é dedicado à análise do *corpus*, visando compreender a vida da personagem de acordo com a temática da subjetividade. Utilizamos de fragmentos da obra parenteana para explicar os movimentos de composição da subjetividade feminina em uma sociedade patriarcal.

Ainda no mesmo capítulo, analisamos os processos de singularização da subjetividade desenvolvidos pela protagonista durante a narrativa. Acompanharemos os movimentos de reconfiguração da subjetividade, dando ênfase aos processos de rupturas com os saberes oficiais, valores culturais, e a invenção de outros modos de ser e estar no mundo.

**CAPÍTULO I –**  
**OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES NA SOCIEDADE**  
**CONTEMPORÂNEA**

## 1.1 Sobre a Produção de Subjetividade

A concepção de subjetividade que enfocaremos no presente estudo rompe com as concepções que relacionam a subjetividade a uma essência, uma interioridade, uma unidade fechada em si mesmo. Esse modo de pensar aprisiona o sujeito a uma personalidade imutável, de modo que se pensa que os sujeitos são estáveis e que apresentam uma identidade fixa.

A subjetividade pode ser pensada como resultado de um processo de acúmulos experienciais que se transformam de acordo com a vivência do sujeito no meio social em que se está inserido. Nesta perspectiva, o sujeito não tem uma essência definida a priori, não é uma entidade estável com identidade fixa, mas, é um produto das relações que estabelece no meio em que vive. As palavras movimentos, transformações, deslocamentos e oscilações fazem parte desse novo modo de pensar o ser humano. Para Machado, ao pensar na produção de subjetividades, devemos imaginar (1999, p. 02):

uma rede cujos fios - constituídos por materiais de expressão diversos, como: palavras, gestos, moedas, musicalidades, conhecimentos etc. - se entrelaçam. Uma rede que não fosse lisa e sim estriada e cujos fios se misturam em uma trama embaralhada. A rede e os fios que a constituem são históricos. Pensemos que essa rede faça dobras, aproximando pontos distanciados e distanciando pontos próximos. Mas as dobras que se formam também se desfazem e outras então se formam em um movimento incessante. Como um lenço que rola na areia e vai formando desenhos variados ao sabor do vento. As dobras constituem então formas provisórias. Uma espécie de um dentro que não é fechado e que continua sendo parte de um fora-rede.

Neste sentido, para a autora, a subjetividade pode ser imaginada como sendo uma formação de dobras de forma que:

as dobras são a própria rede, ou melhor, nós somos a própria rede, assim como o sistema econômico, político, educacional etc. também são. As dobras são formas que se produzem e



conferem um sentido específico para o que chamamos desejo, trabalho, arte, religião, ciência etc. As dobras não são nem interiores e nem exteriores e sim formações provisórias de um entre que mistura finitos materiais de expressão em ilimitadas combinações (MACHADO, 1999, p. 03)

A noção de subjetividade trabalhada por esta autora, portanto, vem questionar a presença de uma interioridade separada da exterioridade, tais como corpo e alma, indivíduo e sociedade. Por mais que estes pólos concebam uma relação entre si, há sempre uma força que pressupõe a determinação de um pólo sobre o outro.

De acordo com o pensamento Machadiano, a subjetividade é produzida socialmente. No entanto, somos instigados a pensar, a partir de diversos dispositivos institucionais, que temos uma essência e que a estrutura da nossa personalidade se forma na infância. Algumas perspectivas da ciência psicológica defendem essa concepção, como por exemplo a teoria psicanalítica elaborada por Sigmund Freud.

Para Machado, embora o saber produzido e disseminado como verdades científicas tente nos constituir, somos e temos uma produção subjetiva própria, particular, que nos diferencia dos demais. Mas o meio sócio-cultural e econômico em que vivemos instiga-nos a procurar uma unidade, uma identidade sólida que possa assegurar nossa existência. As nossas vivências, no entanto, possibilitam-nos refletir que estamos sempre em processo de construção. A estabilidade subjetiva é utópica.

Prosseguindo, a referida autora ressalta que “desnaturalizar a ideia de subjetividade seria pensar na constituição do desejo atravessada por todo um conjunto de aspectos econômicos, culturais, políticos etc”. (MACHADO 1999, p.18). Assim, podemos pensar a subjetividade como um sistema em constante alteração e desenvolvimento.

De acordo com Suely Rolnik (1997), não há sujeito que viva isolado como um em si, e não há nada que não co-exista com o outro, ou seja, não há sujeito que não sofra um processo de diferenciação, pois algo em nós, sabe sem saber que para o nosso próprio bem, temos que estar reinventando a todo momento modos de existência, dos quais nós mesmos somos reinventados.

Na formulação Guattariana (2008), a subjetividade é entendida como resultante de um cruzamento de determinações: econômicas, políticas, sociais, culturais, éticas, tecnológicas de mídias e outras. Nesses termos, Guattari & Rolnik (2008 p.42) consideram que:

a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, pois a subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.

Assim, no trabalho, na família, nas igrejas, nas universidades, nas escolas, nos sindicatos, nos espaços coletivos vão se fabricando subjetividades. Nesses espaços, vão se constituindo formas de ser e estar no mundo. Esses dispositivos disseminam e padronizam as formas de amar, falar, sonhar, desejar. Nesse processo, os nossos comportamentos, sentimentos, desejos e emoções vão sendo produzidos e configurando a nossa forma de viver, pois o processo de produção do homem é inseparável do processo de produção do mundo.

Deste modo, a concepção de subjetividade como um processo resultante dos diversos dispositivos sócio-econômico-cultural nega a existência de um eu centrado defendendo a tese de que somos uma multiplicidade. Para Guattari (1990, p.7)

a subjetividade, engendrada como 'resíduo' no processo de produção do mundo, é um produto cultural complexo. Desvelar 'o conjunto de condições' que possibilitam a emergência de 'instâncias individuais e/ou coletivas', como 'território existencial auto-referencial' na sua relação com o mundo, é um dos maiores e mais potentes desafios da atualidade.

Nessa mesma linha de pensamento, Cecília Coimbra (1995, p.01) defende a idéia de que a subjetividade pode ser definida "como formas de pensar, sentir, perceber a si e ao mundo, produzidas por diferentes dispositivos sociais, culturais, políticos, tecnológicos, existentes no mundo capitalístico". Já na visão de González Rey (2002), a subjetividade pode ser entendida como um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana.

Nesta perspectiva, este último autor define dois momentos essenciais na constituição da subjetividade – individual e social -, os quais se pressupõem de forma recíproca ao longo do desenvolvimento. A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por determinismo linear externo, que parte do social ao subjetivo, e sim, por um processo de constituição que integra de forma simultânea a subjetividade social e individual. Isto é, o indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, constitui-se nela. Para o

autor, subjetividade é um sistema de entrecruzamentos de sentidos em constante desenvolvimento que se modifica e reconstitui a todo o momento. De acordo com González Rey (2002), a flexibilidade, versatilidade e complexidade das subjetividades possibilitam que o indivíduo seja capaz de gerar, de modo fixo, processos de cultura que modificam a forma de viver, fato que leva à restauração das subjetividades.

Então, poderíamos dizer que o indivíduo está localizado em uma esfera de múltiplos componentes subjetivo. Alguns autores, em suas elaborações teóricas, fazem uma análise dos processos de subjetivações sob a ótica do sistema capitalista, conforme discorreremos no item abaixo.

## **1.2 Subjetividade e o Sistema Capitalista**

As produções capitalísticas são caracterizadas não apenas por valores de troca na ordem capital, mas também pelo valor de controle da subjetividade. Autores como Guattari e Rolnik (2008) chamam esse controle de “cultura de equivalência”, havendo uma troca mútua da sujeição econômica produzida pelo capital e a sujeição subjetiva, produzida pela cultura, ao nos influenciar em nossas escolhas, gostos, desejos, sentimentos etc.

Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI E ROLNIK, 2008, p.35).

De acordo com os referidos autores, a cultura de massa é um dos fatores relevantes para a produção de subjetividade capitalística, pois desenvolve indivíduos normatizados, serializados, havendo um sistema de submissão para o qual o sujeito é programado e manipulado, além de gerar uma produção de subjetividade social. Desta forma “essa poderosa máquina capitalística produz, inclusive, aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, e assim por diante” (GUATTARI E ROLNIK, 2008, p.22).

A produção de subjetividade no sistema capitalista nos chega por diversos

canais e fontes das grandes máquinas de controle, tanto social, como psíquica. Essas máquinas sociais,

podem ser tanto de natureza extrapessoal (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, ecológicos, icônicos, etológicos, de mídia, ou seja sistemas que não mais imediatamente antropológicos) quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem, de valor, modos de memorização e assim por diante) (GUATTARI E ROLNIK, 2008, p. 39).

O controle e manipulação da vida coletiva e individual, inicia-se logo na infância, atingindo todas esferas da existência e modelizando nosso modo de viver. É através da subjetividade capitalística que as classes sociais com maior poder controlam cada vez mais os sistemas de produção e de vida social em todos os meios e pontos do planeta. Segundo Guattari e Rolnik (2008, p.49)

é desde a infância que se instaura a máquina de produção da subjetividade capitalística, desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos, tanto imaginários, quanto tecnológicos nos quais ela deve se inserir.

Esta subjetividade pode ser pensada como uma indústria que fabrica um universo e exporta para os meios sociais e para as diversas existências particulares. Neste sentido, tanto pode oprimir e alienar no momento da recepção, quanto produzir um processo de resistência a esse processo de manipulação. Mas, é relevante ressaltar que não há uma subjetividade recipiente, onde as coisas externas se interiorizam de imediato, pois é o inconsciente que se encarrega de absorvê-las, seja no domínio do corpo, no qual nos sentimos bem, seja no domínio do poder.

A infantilização do sujeito também é função da economia subjetiva capitalística, pois ela nos faz acreditar que não temos a capacidade de nos organizar e produzir nossa própria vida social, tudo funciona de acordo com sua delimitação e consentimento. Tal subjetividade se entranha em nossos poros de forma que consegue controlar-nos socialmente e impedir de virem à tona nossos desejos genuínos. Na verdade, os nossos próprios desejos são produzidos pelo sistema.

Podemos citar como exemplo a produção de desejo agenciado pelas campanhas publicitárias que produz o desejo do consumo.

Esta ordem dominante em nossa realidade interfere em nossas ações, gestos, influenciando na memória e até no inconsciente. Ela desenvolve um modo de se relacionar, tanto emocional, quanto físico, que é a forma como se ama, transa etc. Intervém e manipula a natureza, a alimentação, o corpo, chegando a criar nosso próprio universo e todos os sentimentos que fomos programados para sentir.

Para Guattari (2008), o que caracteriza fundamentalmente o capitalismo, nas suas diversas formas de existência, é um determinado modo de produção de subjetividades. Assim, a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção. Para ele, as forças sociais que administram o capitalismo, na atualidade, entendem que a produção de subjetividade talvez seja mais importante que qualquer outro tipo de produção, por produzirem sujeitos normatizados, forjados, fabricados pelo sistema.

O processo de subjetivação capitalística deriva-se a partir do movimento de dominação da sociedade sobre o indivíduo, movimento este que acontece quando consentimos que ela interfira em nossa vida ao ponto de manipular/produzir nossos pensamentos e formas de viver. Conforme ressalta Machado (1999), não criamos modos de ser porque nos deixamos contaminar por formas padronizadas de ser. Deste modo, as religiões, os estados, a ciência, o direito, a televisão e outras instituições são potências capazes de impor determinados modos de viver. Para Eizirk:

é no espaço em que se desenrola a vida que vamos exercitando nossa experiência com os outros e com nós mesmos, aí vamos constituindo nossa subjetividade. Espaços de poderes – poder de língua, poder de sedução, poder de conhecimento, poder da razão, poder dos conceitos (2005, p. 85).

Na formulação Machadiana (1999), o espaço privado ganha cada vez mais espaço perante o público, a privacidade nos oferece contornos mais pessoais. Naturalizamos tanto concepções de desejo e subjetividade, que chegamos ao ponto de acreditar que tudo sempre foi assim. Aderimos então à privatização subjetiva, pois é mais confortável termos uma subjetividade serializada, que nos oferta

territórios padronizados e nos coloca na crista da onda.

A ordem capitalística estabelece os modos como devem processar, até mesmo no nível do inconsciente, as relações humanas. Ela estabelece como o homem se relaciona com o mundo e consigo mesmo, o modo como se trabalha, como devem ser as relações afetivas, como se ama, como se fala, como se comporta, como se pensa. Para Guatarri (1990, p. 30):

A época contemporânea, exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de territórios existenciais, individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que tende a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos.

O modelo capitalista de produção está embasado na competição e controle de nosso pensamento e de toda e qualquer forma de expressão, pois esta subjetividade continua massivamente controlada, assim, ela pode ser entendida como produto/produtora de um modelo individualista, que visa sempre aos resultados e lucros, mas vive à disposição de todos e depende sempre de um. Esta subjetividade age como dominadora dos indivíduos. Tomamos a subjetividade capitalística ou subjetivação dominante, como tábua de salvação, pois o desprendimento e o desmanchamento dos modos de viver impostos pela sociedade causam-nos crises existenciais.

Ao investigar o processo de subjetivação capitalística, Guattari classifica dois movimentos que a classifica como tal produção, que são os movimentos de desterritorialização e reterritorialização. No movimento de desterritorialização, Guattari e Rolnik (2008, p.387) afirmam que:

o homem transforma-se em pacote de energia, força de trabalho comercializável, o que implica o desmanchar de um código e de um território: percepções, sensibilidades, atitudes, gêneros de ação, maneiras de se mover, modos de vida, formas de sociabilidade- enfim tudo aquilo que faz a consistência, a textura de um processo existencial.

Quanto à reterritorialização, Guattari e Rolnik (2008, p.387) afirmam que há uma homogeneização da subjetividade:

Do mesmo modo como o capital funciona como o equivalente geral, a partir do qual a força de trabalho adquire seu sentido, também a

produção de subjetividades se organizará a partir de equivalentes gerais que virão sobrecodificar uma multiplicidade de processos de existências heterogêneas, pois, para que os pacotes de força de trabalho sejam intercambiáveis, é preciso haver essa homogeneização, e isso em escala cada vez mais internacional.

De acordo com Guattari (2008), nesse processo subjetivo capitalístico, a vida deixa de ser o critério fundamental, pois, o principal é a multiplicação do capital. Já na visão de Rolnik (1985), a subjetividade é vivenciada como se surgisse do interior do indivíduo, mas na verdade aquilo que parece ser o “dentro”, a autora identifica como uma sobrecodificação que se opera numa produção serializada da subjetividade.

Como Suely Rolnik (1997) afirma, toda e qualquer mudança afetiva do campo social, está diretamente relacionada com a mutação subjetiva. Na realidade, pagamos um preço muito alto para sustentar este tipo de subjetividade, chegamos a desconhecer a verdade, e não suportamos seu efeito desestabilizador, pois preferimos calar o estranho que nos habita para manter a ilusão de um igual a si mesmo. Deste modo, isso prejudica a vida em sua essência e extrapola o campo de uma existência individual.

Segundo a autora, o que define este modo subjetivo é a ilusão de completude, equilíbrio, uma espécie de exclusão do que realmente somos, ou seja, do estranho que nos habita. Para este tipo de indivíduo, o tal estranho é o que há nele de mais conhecido, mais do que qualquer uma das ordens em que ele vai se constituindo.

Assim, somos submetidos ao modo de produção de subjetividade predominante que é o da produção da repetição, do conformismo e da submissão, de modo que o sujeito não se sente potente para transformar sua vida, para singularizar sua existência.

### **1.3 A invenção de novos modos de viver: a ousadia de singularizar**

Segundo Guattari (2008), a tentativa de controle social via padronização das subjetividades se choca com fatores de resistências que batem de frente contra esse processo geral de normatização da forma de ser, na medida em que se constroem

modos de subjetividade originais e singulares que se contrapõem às subjetividades dominantes. Nesse processo, rompe-se com o autoritarismo dos saberes oficiais que homogeneiza os seres. Assim, as transformações subjetivas são frutos de rupturas com os valores, hábitos instituídos e padronizados socialmente.

O processo de singularização da subjetividade se dá a partir do momento em que buscamos nos desprender de estruturas subjetivas normatizadas, padronizadas por regimes estabelecidos pela sociedade. De acordo com Machado (1999, p. 04)), “ao rompermos com as normas e com as subjetivações dominantes, construímos nosso próprio território de existência, pois cada um de nós tem uma história de vida que é singular e que não é interior”.

A singularização da subjetividade, na visão de Guattari e Rolnik (2008), só se torna possível quando se desenvolve movimentos de resistência e de recusa aos processos de padronização dos indivíduos. Segundo os autores:

o que caracteriza os novos movimentos sociais não é somente uma resistência contra esse processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir modos de subjetivação originais e singulares, processos de singularização subjetiva ( GUATTARI E ROLNIK, 2008, p. 54)

Em oposição a máquina de produção de subjetividade capitalística, os autores propõem uma ideia de subjetivação singular, que seria uma maneira de renúncia a essa subjetividade pré-estabelecida e fabricada. Uma produção própria, uma construção de novos modos de agir e se comportar, com novos valores e pensamentos. Redefinir-se significa uma espécie de resgate da nossa singularidade, ou pelo menos a busca dela.

Segundo Guattari e Rolnik (2008), tudo que possa ser visto ou entendido como singularização é eliminado, pois a quebra de toda essa ordem que mantém o mundo e as pessoas em paz denota a ruptura da vida social organizada. Tudo o que chame a atenção, que surpreenda, deve ser previsto e detectado antes que contamine os demais, havendo um abafamento em qualquer forma de expressão, pois esta reconfiguração é encarada como uma doença contagiosa.

Para Guattari e Rolnik (2008), esses movimentos de singularização possibilitam desconstruir determinadas formas de ser ao mesmo tempo em que permite a criação de novos modos de percepção de si e do mundo, gerando novos



processos de reapropriação subjetiva. Implica em novas modalidades de relação com o outro, com o meio, novas formas de criatividade, ou seja, o indivíduo constrói sua própria referência e destrói sua dependência, abrindo espaço para um caráter de autonomia e liberdade. Assim sendo, estará se desenvolvendo e se produzindo uma nova forma de viver que se liberta da ordem capitalística.

Para esses autores, a criação dessas novas formas de ser implica mudanças das mentalidades e a promoção de um novo modo de viver em sociedade, que passaria por uma revolução molecular, na qual subjetividade se ressingularizasse e se pudesse criar uma forma de democracia política e econômica, na qual se respeitasse as diferenças culturais e individuais, e o indivíduo tivesse um lugar definido de forma singular.

Neste sentido, o importante é o desencadeamento e vivências de práticas políticas que possibilitem o agenciamento de singularidades desejantes que se contraponham a subjetividade dominante. Para Rolnik no movimento de singularização:

desmantela-se a perspectiva segundo a qual cada um tem um lugar fixo e inteiro, onde está centrada sua subjetividade, segundo a qual cada um constitui uma totalidade, dotada de identidade, mesmo que mutável (...) Abre-se uma possibilidade de criação dos modos de sentir e de viver a partir da consciência do próprio processo de existência, a partir da perspectiva da expansão da vida nesse processo; abre-se, em suma, uma possibilidade de retomar a vida como critério e como finalidade, afirmada positivamente em cada campo da atividade humana – e aí teríamos o que Deleuze e Guattari chamam de processos de singularização ou autonomização (ROLNIK, 2006, p.31).

Somos atravessados por essa subjetividade dominante que tenta suprimir as possibilidades de reinvenção da vida. Para que isso não aconteça, é importante que haja a criação dos próprios modos de referência, fazendo com que se abram brechas no sistema dominante.

Todos os modos autênticos e singulares entram em guerra contra a subjetividade capitalística, e é esta guerra interior que às vezes pode nos causar distintas crises de identidade, então ou vamos à luta, ou nos entregamos ao poder dominante da impotência. De acordo com Guattari e Rolnik (2008, p. 59)

os agenciamentos que podem construir seus próprios modos de

subjetivação provocam basicamente dois tipos de atitude, que é a atitude normalizadora, que se traduz de duas maneiras complementares: ignorar sistematicamente tais agenciamentos, considerando-os meros problemas secundários ou arcaísmos, ou então resgatá-los e integrá-los; e a atitude reconhecedora, que considera tais agenciamentos em seu caráter específico e em seu traço comum, de modo a possibilitar sua articulação. Só essa articulação é que vai permitir uma mudança efetiva da situação.

Segundo os autores, é importante resistir às produções em série e a normatização subjetiva, pois é a partir desse processo que se começa uma redefinição da subjetividade, que se inicia de acordo com a recusa de todos os canais que levam ao capitalismo. Tal processo de reconfiguração pode ganhar terreno perante a sociedade ao desencadear uma mutação nos sistemas coletivos de visão e escuta. Para os autores, algumas subjetividades que podem estar envolvidas em processos de singularização, são os grupos dos homossexuais ou até mesmo dos negros, que se reinventam social e religiosamente, projetando uma identidade cultural, como o candomblé, sobre a subjetividade capitalística.

Deste modo, singularizar-se representa a ruptura de toda e qualquer manifestação que possa corromper a subjetividade, significa a criação do próprio território de existência que produz novos movimentos de afirmação e expansão da vida, proporcionando novas sensações e formas de perceber o mundo.

**CAPÍTULO II –  
PROJEÇÕES DA SUBJETIVIDADE FEMININA DE UMA MULHER NO  
ESPELHO**

## 2.1 Considerações sobre a obra “Mulher no Espelho”

O romance “Mulher no Espelho” de Helena Parente Cunha teve sua primeira edição em 1983 e a quinta em 2000. Com quase vinte anos depois de sua primeira edição a obra foi prestigiada com o prêmio literário (Concurso Nacional de Romance do Governo de Santa Catarina) com o aval do linguista Antônio Houaiss.

A obra apresenta os conflitos existenciais de uma mulher diante de um espelho ficcional. Suas imagens refletidas no dispositivo espelho propiciam uma viagem em territórios subjetivos até então desconhecidos, e no decorrer dessa reflexão auto-analítica, a mulher personagem questiona sua vida, suas experiências, e principalmente os papéis sociais que lhes foram destinados desde a infância.

A autora constrói uma narrativa sob a forma de diálogo-conflito que envolve três personagens: eu (denominada de personagem-narradora), ela (a mulher que me escreve) e a autora.

A narrativa se passa nos fins da década de 70 em Salvador (BA), nos bairros Rio Vermelho, Avenida Sete e Campo Grande. A personagem principal da obra nasceu numa família tradicional que conservava fortemente os valores de uma sociedade patriarcal, e foi neste ambiente de repressão e c submissão que ela cresceu. A vida da protagonista enquanto criança é marcada pel a submissão ao pai, e na vida adulta ao marido, a única mudança é a troca da figura paterna pelo marido.

Na fase adulta em que a história se passa, ela se encontra com quarenta e cinco anos de idade, é casada e mãe de três filhos. Sua única ocupação é se esforçar pra ser uma “boa” dona de casa, cumprindo fielmente o papel de esposa e mãe exemplar.

A narrativa apresenta os conflitos subjetivos vivenciados pela protagonista ao perceber que o seu modo de ser e de existir tinha como referência os padrões estabelecidos socialmente a partir dos pressupostos patriarcais. Os conflitos e questionamentos possibilitam que a mulher faça movimentos de desnaturalização dos papéis sexuais exercidos pela mulher na sociedade, e ela começa a compreender que as qualidades tidas como inerentes às mulheres (submissão, obediência, sensibilidade, fragilidade dentre outras) foram sendo construídas ainda na infância, quando a menina vai sendo preparada para o confinamento doméstico.

O espelho surge na trama como um dispositivo metafórico que favorece uma auto análise e a percepção das múltiplas faces de um eu, configurando uma multiplicidade de seres habitando um mesmo ser. A guerra entre as diversas faces de seu ser favorece uma reconfiguração da subjetividade. Desta forma, ela constrói uma nova percepção de si e do mundo, rompendo com regimes de verdade estabelecidos socialmente.

## 2.2 As Múltiplas Faces da Subjetividade Feminina Refletidas no Espelho

Ao falarmos de subjetividade, precisamos refletir sobre como ela é construída e organizada a partir das experiências que estabelecemos com o universo que nos cerca. Neste estudo, buscaremos delinear os territórios subjetivos habitados pela mulher-personagem no decorrer de sua existência. Conforme já foi dito anteriormente, o romance aborda os conflitos vivenciados por ela que agoniza diante do avesso de si mesma metaforicamente refletida na imagem do espelho. Trata de um diálogo conflituoso entre a protagonista que se diz “eu” e da outra face do seu eu “a mulher que me escreve”.

Toda narrativa é marcada pela oscilação entre sentimentos de culpa e movimentos de resistência e recusa a estrutura social marcada pelo patriarcalismo. Em alguns momentos, ela sofre uma espécie de auto-punição pelo pensamento transgressor, esta culpa é percebida pela presença dos ratos que roem seus pés.

Eu estava arrependida, não deveria ter quebrado o elefantezinho de meu irmão pequeno. Errei, vi que errei.  
Você não errou. Admita que o seu comportamento foi normal para uma criança de oito anos, privada do brinquedo favorito.  
Não aceito desculpas nem justificativas para os meus erros, mesmo se praticados em criança. Errei. Assumi. O sótão era escuro, eu sentia muito medo. Principalmente quando ouvia o barulho dos ratos. Encolhia-me toda, para eles não roerem os meus pés. [...] O barulho dos ratos. Os ratos. Começaram a me roer os pés.  
Os ratos só existiam na sua imaginação.  
(CUNHA 2000, p.20-21).

Na narrativa parenteana, a protagonista entra em conflito com seus vários eus, na tentativa de romper com esta relação de dominação/dominado imposta desde criança pelo pai, e a subserviência estabelecida pelo marido na vida adulta. Estas várias faces subjetivas atravessam uma mesma mulher e estas vozes entram em choque quando a personagem percebe que a subjetividade dela é normatizada, engessada e delimitada pela ordem social:

Tenho meu marido, que a mulher que me escreve está dizendo que me mata todos os dias. Tenho três filhos adolescentes, que ela está dizendo que já me mataram, sem que eu soubesse. Ela acredita que os assomos de independência podem modificar a ordem natural das coisas. Ridículos e imorais seus acessos de deboche. Ela não se defende por que não pode dizer eu. [...]. Você não pode continuar a alimentar esta atitude absurda. É preciso ter consciência dos próprios direitos, sobretudo nos dias de hoje [...]. A mulher deve reagir, não se permitir levar pelos caprichos e exorbitâncias da família. Você não pode continuar a viver assim. (CUNHA 2000, p.25-26)

A protagonista se encontra aprisionada nos códigos e na alienação desta subjetividade construída a partir dos códigos culturais dominantes. Mas se, em alguns momentos, ela se submete aos padrões sociais, em outros, tenta resistir provocando rupturas nos espaços sedimentados. Há, portanto, uma oscilação subjetiva: há dentro de si uma estranha que lhe habita e que pretende rebelar-se contra a subjetividade vivenciada dentro dos padrões estabelecidos socialmente. Conforme podemos evidenciar neste fragmento da obra:

Pensando que sou criação sua, a mulher que me escreve quer moldar-me, ávidas mãos. Fujo do seu controle e, se por um momento pareço submeter-me, logo escapo, deixando-a nos limites de suas negações. Moldo-me no ritmo de minhas pressões, não das dela. [...] Para ela, meu sentimento de culpa me tornou subserviente. Nada disso. Apenas gosto de viver em paz, procuro compreender os que me cercam, se não compreendo, aceito. (CUNHA 2000, p.24).

Em sua auto-análise, na miragem dos espelhos, a personagem usa máscaras para esconder o que sente e revelar o que não sente de acordo com os papéis que a sociedade exige que sejam representados. A protagonista parece ser consciente de sua escravidão voluntária.

Imergindo nas profundezas do seu ser, ela é mobilizada por diversas forças subjetivas que a levam a questionamentos sobre si mesma. São várias faces e vários eus convergindo numa só mulher.

Vocês viram com seus próprios olhos. Ela se recusa a me aceitar. Ela, a mulher que me escreve. Ela me evita, me foge, reflui. Pensa que pode me esquecer. Por mais de dois meses, interrompeu minha narrativa. [...] Se ela não quiser, eu não venho à luz. Isto é, se eu quiser que ela não queira. O sim e o não, a linha arqueada e a linha reta. Exclusão em claro-escuro. Ela nunca está isenta do meu controle (CUNHA, 2000, p.77-78).

Conforme foi dito anteriormente, a protagonista tem, portanto, sua subjetividade sujeitada às normas sociais.

A mulher que me escreve não percebe sutilezas e concessões de uma vida a dois. Não entende que se não insisto para termos vida social, é por respeitar os princípios morais de meu marido, que se choca ante os excessos e os desmandos da vida atual. Os escrúpulos moralísticos de seu marido não o impedem de assistir a todas as pornochanchadas que os cinemas exibem nem muito menos de manter relações com gigolôs, prostitutas ou donos de caçares de terceira categoria. A vida calma e feliz que eu levo, irrita a mulher que me escreve, habituada a fazer pouco das relações familiares e tradicionais (CUNHA 2000, p. 27).

Autores como Guattari e Rolnik (2008), afirmam que para que o indivíduo permaneça nesta esfera, é necessário que tenha havido uma espécie de controle desde a infância, vida doméstica e social, estando assim, num ambiente de modelização que esta subjetividade proporciona.

Queria dizer que, para viver bem com meu pai que eu amava, aprendi a viver para amá-lo. Um pai muito grande para os meu olhos

pequenos. Nunca via meu pai completamente. Não levantava a cabeça para falar com ele. Se ele não abaixasse até o meu temor, eu não veria a ruga que se afundava no meio de sua testa (CUNHA, 2000, p. 25).

Continuando os referidos autores, ressaltam que esta relação de dominância e controle do indivíduo, é produzida através da subjetividade capitalística. Segundo Guattari e Rolnik (2008, p.55), “o que faz esta subjetividade se desenvolver, é o modo como ela funciona, que tanto pode ser no nível dos oprimidos, quanto dos opressores”. Subjetividade esta que a personagem do romance construiu a partir das relações que estabeleceu no meio em que está inserida.

Conforme nos diz a Psicanalista Suely Rolnik (2006), as mulheres nas décadas de 1950 e 1960 viviam atravessadas pelo dilema de ter como única opção de vida, o casamento. Nas palavras da autora a mulher investia em uma “empresa doméstico-matrimonial” (Rolnik, 2006), tendo em vista que se ocupava do espaço doméstico, nos cuidados com o corpo e com bem estar do marido e dos filhos.

A protagonista se vê envolta nesta teia de dominação, seja do pai na infância, ou do marido e filhos na vida adulta, assim ela vive sob esse poder de domínio que exige submissão da mulher ao homem:

Minha mãe limpava os sapatos de meu pai e não se impacientava. Se me enraiveço com meu marido e meus filhos, sofro depois remorso que me rói até os ossos. Então procuro recompensá-los de minha falta. Gostaria de seguir o exemplo de minha mãe que nunca perdia a calma com o marido e com os filhos. A não ser quando eu me excedia. Mas aí ela tinha razão.

E por acaso você não tem razão de se impacientar com seus filhos, os filhos que matam a mãe todos os dias? E por que você haveria de se manter impassível ante as agressões de seu marido? Nos tempos de hoje, alguém se mostrar subserviente ao ponto que você chegou, somente mesmo arrastada por um patológico sentimento de culpa (CUNHA 2000, p.32-33).

Neste trecho do romance, a autora Helena Parente Cunha (2000), nos mostra uma mulher obediente, cuja subjetividade está enraizada aos costumes de um padrão pré-estabelecido pela sociedade, que é de esposa e mãe exemplares. Mas ao mesmo tempo o fragmento revela o mal-estar que esse confinamento doméstico



produz em sua vida. O empobrecimento afetivo é provocado por se sentir sujeitada às estruturas sociais, o que gera o desejo de agenciar mudanças, desestabilizando o sistema. Mas a resistência ao sistema tem um preço alto. No caso da personagem, evidenciamos que suas tentativas de fazer aquilo de que se alegra seu corpo e sua alma são condenadas pelas pessoas que lhes cercam que passam a rejeitá-la e discriminá-la.

Dentro de outra perspectiva de análise, Bourdieu (2010) trata a dominação masculina como sendo imposta e vivenciada por uma dominação paradoxal, que resulta numa violência suave, invisível às vítimas. Na história parenteana, a protagonista tem sua subjetividade atrelada a essa ordem social e é convocada a usar a máscara da mulher exemplar: “Aceitei que meu pai gostasse mais do meu irmão. Aceitei que meu marido não permitisse que eu saísse sozinha. Aceitei viver disponível para meus três filhos. Aceitei, aceitei, risco e perda, solitário ganho.” (CUNHA 2000, p.24).

No seguinte trecho também percebemos a condição submissa da protagonista:

Minha mãe repetia certas frases. Normas de vida. Em primeiro lugar, o marido, em segundo, o marido, em terceiro, o marido. Depois, os filhos. Sim, ela era muito feliz. Toda cheirosa, a espera de que meu pai voltasse do trabalho. Ela o esperava. Perfumes, silêncios, sussurros. Seu sorriso pequeno. Eu olhava. De longe. (CUNHA 2000, p. 31)

Ao analisar este fragmento, recorreremos a Bourdieu (2010, p.18) quando nos diz que:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção. [...] A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual é alicerçada: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...].

Para o referido autor, ao aceitar os limites impostos pelos homens, as mulheres assumem muitas vezes uma forma de emoção corporal que pode ser

entendido como vergonha, humilhação, timidez e culpa. Sendo comum também até a manifestação de sentimentos como amor, admiração e/ou respeito pelo dominante. Algumas manifestações tornam-se mais dolorosas porque expressam de forma visível aos dominantes, a posição de subordinada, como o desajeitamento, tremor, ou até mesmo gaguejar diante do dominador. Deste modo, a mulher é submetida a um processo de exclusão e inferioridade dos sentimentos, sendo vista apenas como um objeto que contribui para a perpetuação do poder masculino.

Desde cedo aprendi a conter as minhas emoções. A minha extroversão se canaliza em introversão. Posso explodir diante dos espelhos. Mas sempre quando estou só. [...] Fui obrigada a assumir a contenção. Obrigaram-me-obriguei-me. Meu pai não gostava de muitas risadas (CUNHA, 2000, p. 75).

Bourdieu ainda afirma que este poder de domínio também é encontrado na relação sexual, que é constituída através da divisão fundamental entre o masculino ativo, e o feminino passivo. Divisão esta que cria e organiza o desejo de forma que ao masculino determina-se o desejo de posse e dominação erotizada, e ao feminino, o desejo da dominação masculina como subordinação erotizada. Essa organização do desejo também se revela no romance parenteano:

O homem que eu tenho, nunca o tive nem ele nunca me teve. Quando ele me esmaga na cama, é ao peso do seu corpo obeso e suado que não me vence nem me dói. Eu simplesmente me assisto, sem espelhos, neutra e vaga, cada vez mais consentida. Mais? Cada vez mais? Ele me entra e sai, como se não me entrasse nem me saísse. Na sua obesidade suada e de mau cheiro. Agora, postada ante a solidão dos meus espelhos, procuro mas não vejo o homem que me faria amar. Só o vejo em não o ver. Neste não ver que vê, minhas imagens se vêem cegamente. Meus seios solitários, minhas nádegas vazias de carícias, meu sexo ermo. Em chamas (CUNHA 2000, p.48).

Refletindo sobre esse processo de dominação masculina, Koss (2004) sinaliza que a cultura de dominância é a principal incentivadora à agressividade do homem e à subordinação da mulher, pois espera-se dele o controle, tanto emocional quanto material. Deste modo, parece ser necessário demonstrar traços de liderança e agressividade sexual para que a sua autoridade seja reconhecida. Na história da

mulher no espelho, essa relação de poder pode ser evidenciada na medida em que a narrativa revela a face submissa da mulher protagonista que vive em função do marido, fazendo todas suas vontades, seja por obediência ou até mesmo por medo:

Ele quer você junto dele apenas para servi-lo, abrir a janela ou fechar, ligar ou desligar o ar-condicionado, a massagem nos pés carregados de chulé, o remédio da alergia, o nariz escorrendo. Conversar sobre problemas do escritório? Depois que a bebida lhe sobe à cabeça, ele reclama e pragueja. Você corre daqui para ali e não consegue despregar nenhum sorriso (CUNHA 2000, p.27).

Segundo Koss (2004), o papel social da mulher, numa sociedade marcada pela dominação masculina, é de domesticidade, dependência, subserviência e dedicação ao próximo, principalmente ao marido. Constatamos que uma das faces da personagem vivencia esse papel com zelo:

Espera-se que a mulher seja boa ouvinte e o homem bem falante. Que ela seja ponderada em suas decisões, enquanto ele deve agir e responder rapidamente. Que ela se satisfaça com a aprovação e os elogios, enquanto ele deve buscar recompensas externas, como dinheiro, bens materiais, incluindo mulher e filhos (CUNHA, 2000, p. 215).

Minha submissão me liberta. Quando meu marido chega do trabalho, sempre me encontra arrumada, banho tomado, roupa limpa, cabelo penteado, um pouco de pintura no rosto. O jantar pronto, ainda que a cozinheira tenha falhado. Quando ele chega, me quer junto dele. Para lhe dar o chinelo, preparar o aperitivo, conversar sobre problemas do escritório (CUNHA, 2000, p.26).

O modelo de sociedade patriarcal, portanto, justifica esta dominação masculina na medida em que o homem por possuir a força física, torna-se naturalmente o protetor da mulher, que é julgada como indefesa e vulnerável.

Silva (2004), ao fazer uma análise das questões ligadas às relações de gênero nas produções literárias de Helena Parente Cunha, percebe que há sempre um paradoxo nesta relação homem/mulher nos contos e romances helenianos, pois as mulheres ora tentam sair e libertar-se do jugo masculino, ora tentam permanecer

nesta esfera. O homem é tido como a base da família, o protetor que tem a responsabilidade de sair para sustentar a família. Para as mulheres subjetivadas por Helena Parente Cunha, pertencer a esta ordem dominante, em alguns momentos, produz uma sensação de felicidade e acomodação da própria vida. No romance que estamos analisando, uma das faces da mulher refletidas no espelho ficcional, revela essa sensação de bem-estar ao exercer o papel que lhe foi destinado:

Meu marido acha que devo viver exclusivamente, totalmente, exaustivamente para ele. Isso me faz muito feliz. Na opinião de meus filhos, toda mãe tem obrigação de se dedicar de modo absoluto a quem pôs no mundo. Esta é a razão de minha vida (CUNHA, 2000, p.26).

Para Silva (2004) o desassossego subjetivo vivenciado pelas mulheres retratadas por Helena se justifica na medida em que elas, ao negarem esta ordem social, podem estabelecer o caos. Continuar submetida a essa ordem significa uma espécie de angústia e sofrimento, mas, sair pode ser uma utopia de vida. Para o autor:

O fingimento na relação amorosa, o suportar a carne a ser fendida, rasgada, a alma a ser ultrajada numa relação cujo resultado era a humilhação do feminino e o triunfo do masculino. Tudo para não perder a vez na ordem em que está estabelecida (SILVA 2004, p.48).

Segundo ele, as personagens helenianas são e estão conscientes de seu papel de sujeitadas à ordem do pai e às vezes fazem de tudo para não serem deixadas de fora. Ao aventurar um comportamento que escape do controle social, sentimentos de culpa, remorso e vergonha são gerados no interior da mulher, como podemos ver nesse trecho:

Meu pai era um homem do interior, filho de coronel dono de terras, acostumado a mandar, chicote na mão, esporas nos pés, ele também por criação e temperamento sabia fazer-se obedecer. Meu pai não mudou o dogmatismo de meu avô. Mulher que se pinta, é mulher da vida. Minha mãe nunca usou o mínimo de pintura no rosto. Por que iria ser diferente comigo? Minha transgressão. A cólera de meu pai. Eu com remorsos, arrependida, envergonhada por ter

querido me aproveitar da situação, o quarto escuro (CUNHA 2000, p.60).

Deste modo, no decorrer de toda a narrativa, podemos perceber que a mulher retratada na obra “Mulher no Espelho”, num processo dinâmico e sutil vai desconstruindo e construindo outras formas de perceber as relações sociais de gênero, a partir da desnaturalização dos papéis socialmente atribuídos ao homem e à mulher. A personagem atravessada por processos de subjetivação alicerçados numa perspectiva biologizante, ousa criar novas formas de pensar, sentir e amar, singularizando sua experiência. Mas é importante ressaltar que este processo não é tranqüilo. Pelo contrário, é bastante conflituoso.

### **2.3 O Desejo de Singularizar: a invenção de novas possibilidades de vida**

Ao narrar sua infância, a personagem protagonista resgata memórias que lhe permitem constatar que a vida adulta de esposa e dona de casa exemplar é semelhante ao modo de viver de sua mãe:

A casa de meu pai, abrigo certo, minha dimensão de mundo. Ali, minha mãe se inscrevia, em silêncios e sussurros. Às vezes, quando meu pai não estava em casa, eu a ouvia cantar, em voz baixa, suspiros e olhar perdido (CUNHA, 2000, p.30-31)

Ao imprimir novos olhares sobre sua história de vida, a mulher inicia um conflituoso processo de recusa aos hábitos que faziam parte do seu cotidiano de mulher. Tendo o espelho como dispositivo metafórico que reflete as contradições subjetivas de sua vida, a mulher se abre para o embate de forças entre as estruturas subjetivas cristalizadas, serializadas e a possibilidade de compor outros territórios da subjetividade.

Podemos perceber no romance que a mulher desde criança, mesmo sendo submetida a uma educação patriarcal, tentava desenvolver movimentos contrários à padronização subjetiva. As reflexões, já na idade adulta, sobre sua existência, sua

essência, sua função social proporcionam um doloroso, mas produtivo, conflito existencial.

Analisando sua vida, podemos dizer que somos atravessados por essa subjetividade dominante que tenta suprimir as possibilidades de reinvenção da vida. Para que isso não aconteça, é importante que haja a criação dos próprios modos de referência, fazendo com que se abram brechas no sistema dominante.

A partir das afirmações de Guattari e Rolnik sobre a subjetividade, podemos pensar que o engessamento da nossa subjetividade pelos códigos culturais dominantes não se efetiva de maneira tranqüila. Em outras palavras, a submissão nunca é total e absoluta, havendo possibilidades de olharmos o mundo pelas frestas escondidas, provocando rachaduras do instituído.

No caso da mulher em análise, vimos que, movida pela revolta como se quisesse derrubar os muros do domínio patriarcal, ela inicia um processo de reconfiguração da subjetividade, mudando a forma de sentir, pensar e agir. E é a partir desta nova percepção de si e do mundo que as dúvidas começam a surgir.

Qual a mulher verdadeira? Qual a carne, qual o sangue? A que me olha do espelho, sorriso da outra margem? Ou a do lado de cá, boa dona de casa, esposa e mãe exemplar, discretamente vestida, num vestígio de pintura? Onde é que está a máscara? No rosto lavado ou no rosto pesado de cores falsas? Ao me pintar mais, tiro a máscara? Ou ponho a máscara, quando lavo o rosto? (CUNHA 2000, p.46)

Neste fragmento, as várias faces da personagem se chocam com suas várias vozes num seguimento que a leva a perceber os limites que a sociedade tenta impor, encurralando os indivíduos. Embora a protagonista esteja dividida entre as normas vigentes e a tentativa de romper com este padrão, há nela um conflito provocando uma crise de identidade. Nesta explosão existencial a protagonista se encontra presa às máscaras das estruturas padronizadas que usamos para estabelecer a ordem social. As diversas faces que configuram sua subjetividade e sua vivência múltipla lhe permite questionar o sistema dominante ao qual viveu submetida a vida inteira. Ela vivencia uma grande crise, ao perceber que era infeliz, estava longe de se sentir realizada, e este sentimento gera uma sensação de que não existe vida, simbolicamente está morta:

Em certos momentos me sinto muito cansada. Desamanehada, entorpeço ao dia grave e basto. Compactude. Desânimo pegajoso me escorrendo pelos membros [...]. Impermeável ao sentimento, não choro não rio não grito não calo. Desvivo. Antivivo. Que fiz da minha vida? Que fiz da minha morte? Há quanto tempo morri? (CUNHA 2000, p. 94)

Nesta perspectiva, diante de uma vida morta, a protagonista busca produzir rupturas com as estruturas subjetivas solidificadas, e libertando-se das malhas asfixiantes do sistema deixa-se seduzir pelo desejo de ser e de viver plenamente tendo a si mesma como referencial.

Em outras palavras, ela toma consciência da condição de desigualdade a que vivia submetida e começa a tentar viver tendo como referência os seus próprios desejos. Enfim, ao se desprender de certas estruturas, a personagem desenvolve movimentos de resistência e recusa da subjetividade dominante, iniciando um processo de reconstrução de sua própria subjetividade, com novos valores e hábitos. Podemos identificar esse movimento no seguinte fragmento da obra:

Eu vou virar a mesa. De agora por diante estou livre de todo e qualquer preconceito. Preciso de gozar a vida da qual fui banida. Continuarei a criar a minha realidade de independência da mesma forma que inventei a minha submissão (CUNHA 2000, p.117).

Na verdade, estou saturada de zelos e pruridos em nome dos bons costumes e da molrazinha burguesa, onde me criei, toda preocupada com as aparências, com o recato da mãe de família, com o donzelismo das filhas. Como se as mães e as filhas não tivessem sexo nem ardessem de legítimo desejo ante o macho sadio e normal. Ora, eu que durante toda a minha vida procurei agir e reagir como se não tivesse sexo, envergonhada e confusa quando estremecia por causa de cenas eróticas em filmes ou livros, eu, a mãe de família exemplar, a filha obediente e abnegada, a esposa casta e cheia de virtudes, eu, a tímida e a pura, a inocente e a ingênua, eu, eu proclamo a legitimidade do prazer praticado por livre e com a pessoa escolhida, independente de vínculos matrimoniais (CUNHA 2000, p.121-122).

Segundo Guattari (2008), o processo de singularização da subjetividade se inicia no momento em que desestabilizamos as estruturas subjetivas normatizadas

impostas pelos diversos dispositivos institucionais como a família, a escola, a igreja, os clubes sociais dentre outros.

Fazendo uma ponte das afirmações teóricas dos autores com a obra em análise, vimos que a personagem ao singularizar sua subjetividade, vislumbra e alcança novos horizontes inimagináveis, sentindo novas sensações e emoções. Ela permite-se conhecer novos territórios subjetivos antes proibidos:

Somente agora passei a freqüentar os ambientes populares, que no tempo de meu pai e de meu marido, eram evitados como lugar de gatinha, de preto, de canalha, de bêbado, enfim, da ralé que não presta, moça de família e senhora de respeito devem conhecer o seu lugar (CUNHA 2000, p.148).

Após conhecer o sabor da liberdade, a personagem se institui como dona de si, agindo e reagindo contra todo e qualquer meio que a leve à padronização da subjetividade, pois como assinalam Guattari e Rolnik (2008), a singularização subjetiva só é possível quando construímos movimentos de resistência aos processos de serialização dos indivíduos.

Deste modo, a protagonista rompe com essas estruturas, experimentando novos amores e prazeres. Como podemos observar no seguinte excerto:

O toque da campainha. Corro. Mas não abro a porta imediatamente. O espelho me garante mais uma vez que estou muito bem. Boa noite. Ele quase não me reconhece. A surpresa. O meu penteado. O vestido provocante. O seu olhar contundente em penetrações verticais. [...] Um corpo não balofo me toma suavemente e suavemente me envolve. Um corpo de homem não balofo colado no meu corpo magro, o ondular do ritmo da música e do sangue [...].

Alegria que nunca suspeitei pudesse existir, alegria plena de ser mulher e me sentir desejada, totalidade na entrega a um homem que não é balofo, nem sua, nem baba no orgasmo. Descoberta do prazer. O prazer natural. O prazer do prazer (CUNHA 2000, p.119-120).

Desta forma, ao renunciar sua posição de subserviência, a protagonista do romance vê-se atravessada por deslocamentos que lhe possibilitam novas percepções a respeito da vida: “O meu amigo teme ser visto comigo. Os seus problemas de família, a esposa, os filhos. Além de amigo de meu marido. Muito escrúpulo, muito esquema. A mim nada disso importa” (CUNHA 2000, p. 123).



Nesta narrativa, a mulher personagem abnega sua vida de boa esposa e bem casada, se relacionando com vários homens que lhes dão o prazer e o orgasmo que o marido nunca lhe proporcionou. Desta forma tenta romper com todos os dogmatismos de uma sociedade que determina preliminarmente os papéis sociais que devem ser exercidos.

A partir desta ruptura, ela tenta desfazer-se da vida que está entranhada no seu corpo, na sua mente, nos seus afetos desde a infância. Provocando fissuras onde antes era só cimento, a protagonista ousa conhecer outras possibilidades de vida, inclusive rompe com a maternidade. Ao abrir mãos dos filhos, incita-nos a questionar se o exercício da maternidade é um fenômeno natural ou uma construção cultural:

Sinto-me com toda autoridade, ouviu bem? Sinto-me com toda autoridade para lhe dizer que você é um perdido. Cansei de lutar por você. Por você e seus irmãos. Me sacrifiquei. Me imolei. Virei cinza. Agora basta. Eu, sua mãe, faço o que quero e não admito que filho meu venha me dizer o que é certo, o que é errado. Vá para o seu quarto, repito. Você não tem nada que ir para a sala. Recebo quem eu quiser. E se estou andando com muitos homens, é problema só meu (CUNHA 2000, p. 142).

Nunca soube agir com meus filhos. Já tinha até esquecido os problemas deles. Desisti de lutar por que não adiantava meu sacrifício. Não quero mais pensar no assunto. Quando não há solução, é inútil insistir. O pai não faz nada. Por que eu vou enfrentar sozinha uma situação sem remédio? Quero esquecer. Não se pode fazer nada (CUNHA 2000, p. 143).

Como vimos, a personagem da narrativa reconfigura sua subjetividade ensaiando movimentos de ruptura com todo e qualquer canal da ordem capitalística. Para Guattari (2008), os processos de singularização subjetiva são caracterizados pela construção de novos tipos de referências práticas e teóricas, eliminando a posição constante de dependência em relação ao poder global (nível econômico, nível do saber técnico, nível das segregações, dos tipos de prestígios que são difundidos).

Segundo o autor, é importante resistir às produções em série e a

normatização subjetiva, pois é a partir desse processo que se começa uma redefinição da subjetividade, que se inicia de acordo com a recusa de todos os canais que levam ao capitalismo. Tal processo de reconfiguração pode ganhar terreno perante a sociedade ao desencadear uma mutação nos sistemas coletivos de visão e escuta.

Deste modo, singularizar-se representa a ruptura de toda e qualquer manifestação que possa corromper a subjetividade, significa a criação do próprio território de existência que produz novos movimentos de afirmação e expansão da vida, proporcionando novas sensações e formas de perceber o mundo.

Podemos dizer que todos os modos autênticos e singulares entram em guerra contra a subjetividade capitalística, e é esta guerra interior que às vezes pode nos causar distintas crises de identidade, então ou vamos à luta, ou nos entregamos ao poder dominante da impotência. No final do romance podemos evidenciar essa guerra psíquica na vida da personagem. Sua mente se transforma num campo de batalhas entre forças subjetivas que impulsionam à reinvenção e as forças dominantes do sistema capitalista. Nessa guerra, ora a personagem consegue desprender-se dos regimes instituídos, numa guerra de incertezas que hora a leva ao desprendimento de valores, ora se submete a este regime de normatização dos indivíduos.

Acompanhando os movimentos de avanços e recuos da protagonista no decorrer da trama, podemos dizer que parece ser difícil essa passagem de consumidores/as da subjetividade dominante para a condição de sujeitos elaboradores de uma nova subjetividade. Mas qualquer movimento de resistência aos modos de viver cristalizados torna-se importante, como nos diz Barros (2002), as lutas e batalhas que travamos no nosso cotidiano podem constituir-se na possibilidade de escapar à servidão, à obediência e à impotência e, assim criar outras possibilidades de vida e outras práticas políticas que vislumbrem processos de expansão do viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho analisamos os movimentos de produção da subjetividade feminina a partir da obra “Mulher no Espelho”, de Helena Parente Cunha. O romance apresenta os dramas vivenciados pela personagem protagonista, ao perceber-se possuidora de um universo de desejos e sentimentos que até então desconhecia. Chama-nos atenção, no romance, o fato da personagem não ter nome. A nosso ver, a ausência de um nome pode significar que os conflitos psíquicos vivenciados pela mulher, representam o sofrimento de milhares de mulheres que ainda vivem sob a dominação masculina.

De repente, a partir de múltiplas faces que surgem diante de um espelho ficcional, a mulher da narrativa incursiona por uma viagem por territórios de subjetividade, na tentativa de se auto-analisar e de dar uma outra dimensão a sua existência.

Sua viagem permite-nos compreender que sua subjetividade foi produzida a partir dos diversos meios institucionais: família, escola, igreja, amigos, dentre outros. No decorrer da trama, descobre que seus valores, suas crenças, seus desejos, enfim seu modo de viver, não são frutos de uma essência. Pelo contrário, sua formação integral, desde a mais tenra idade, foi lhe destinando a assumir papéis socialmente construídos sob o domínio de uma sociedade patriarcal.

Percebemos, deste modo, como é construída a subjetividade de uma mulher dentro de um contexto social que tenta sufocar qualquer possibilidade de resistir à estrutura social vigente.

Para analisarmos e acompanharmos a mulher em sua viagem ao mundo subjetivo, recorreremos à noção da subjetividade formuladas por teóricos que tentam romper com as concepções que relacionam a subjetividade a uma essência, uma interioridade, uma unidade fechada em si mesmo. Essa concepção teórica defende que o sujeito não tem uma essência definida, conforme nos diz Machado (1999), somos atravessados por uma teia de aspectos políticos, familiares, culturais e econômicos. Somos programados desde cedo para pensarmos que somos seres independentes e com desejos e vontades próprias. Isso porque os diversos meios que vão compondo nossa subjetividade se entranham em nossos poros de forma

inconsciente, não havendo, portanto, a separação entre interior e exterior como pensamos ter. Nas palavras de Machado (1999, p. 04)

O que acreditamos ser nossa personalidade, nosso mais íntimo desejo, são expressões-em-nós da história de nossa época. A própria necessidade de acreditarmos que temos coisas que nos são particulares e que nos diferenciam do resto do mundo é uma produção própria do momento em que vivemos hoje (...)Entretanto, cada um de nós tem uma história de vida que é singular e que não é interior. É como se inúmeras peças de um jogo se embaralhassem de formas variadas e com intensidades distintas, fazendo com que afirmássemos essa composição como sendo nosso eu ou nossa individualidade. Mas em cada momento histórico as peças se modificam, algumas se introduzem, algumas se mantêm e outras vão sendo esquecidas.

A partir dessas formulações conseguimos delinear a subjetividade da mulher retratada no romance. Os movimentos contraditórios de sua subjetividade, demonstravam sua vontade de romper com as verdades instituídas em sua vida, como se brotassem do seu próprio interior. Ela começa a perceber sua intolerância com as formas subjetivas forjadas socialmente e internalizada e ensaia movimentos de rupturas com os valores dominantes.

Essa tentativa de romper com a ordem social estabelecida propicia à personagem momentos difíceis atravessados por crises de angústia e medo. Não é fácil romper com modos de viver padronizados. Sair da mesmice pode significar ser visto como “louca” ou “anormal”. Significa ser excluída e colocada à margem. Por ousar criar um novo modo de viver, a mulher personagem entra em conflito com a família e a sociedade em que vivia.

Concluindo nosso trabalho, podemos pensar como é difícil romper com formas de ser sedimentadas e cristalizadas. É necessário coragem para singularizar a experiência e criar possibilidades de viver baseados no cuidado de si e do outro. Neste sentido, vimos que a luta da personagem para se desprender destes regimes pré estabelecidos socialmente não foi fácil. Para singularizar sua subjetividade, a protagonista teve que pagar um preço muito alto para tentar escapar da servidão do sistema. Sua luta em transformar sua impotência em potência demonstra-nos que a

cada dia podemos estar nos reinventando em prol da afirmação e da expansão da vida.

## REFERÊNCIAS

### Bibliografia Primária:

CUNHA, Helena Parente. **Mulher no Espelho**. 5 .ed.- Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2000.

### Bibliografia Secundária:

BARROS, Maria Elizabeth. **Modos de Gestão – Produção de Subjetividade na Sociedade Contemporânea**. In: Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF,. Rio de Janeiro, 2002 v. 14, n. 02, p. 59-74.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COIMBRA, Cecília. **Guardiães da Ordem**: Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “milagre”. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault**: um pensador do presente. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

FROMM, Erich. **A arte de Amar**. Tradução Milton Amado. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1995.

GUATTARI, Félix & Rolnik, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GONZÁLEZ-REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Thompson, 2003.

KOSS, Monica Von. **Feminino + Masculino**: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. 2 ed. São Paulo: Escrituras Editora,2004.

MACHADO, Leila Domingues. Subjetividades Contemporâneas. In: BARROS, Maria Elizabeth (org.) **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: Edufes, 1999.

ROLINK, Suely. **Subjetividade e História**. Revista Rua, n.1. [http://www.labeurb.unicamp.br/rua1\\_texto\\_3.htm](http://www.labeurb.unicamp.br/rua1_texto_3.htm),1997. Acesso em: 22 de Março de 2011.

\_\_\_\_\_. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. O MOTIVO DA ESPERA EM OS PROVISÓRIOS: a mulher e sua inserção na Ordem do Pai. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti (orgs.). **Mulheres de Helena** – trilhamentos do feminino na obra de Parente Cunha. João Pessoa: Editora Universitária, 2004, p. 25-56.